

grande barato delas é ir ao shopping e usar roupa de "gente grande"

Pais se assustam com as mudanças

Os pais chegam a ficar assustados quando comparam suas próprias infâncias com as de suas crianças. Segundo alguns deles, tudo é muito diferente hoje em dia, desde as roupas até o comportamento dos filhos.

A dona de casa Tânia Maria Nogueira de Loyola, 36, diz que atualmente a infância é totalmente diferente da que viveu. Ela, que é mãe de duas meninas, uma com oito e outra com 11 anos, constata que as meninas querem ser adultas bem mais cedo.

"Na minha época a gente se comportava como criança até os 13 ou 14 anos", revelou. Tânia relatou que o modo das crianças se vestirem também mudou muito.

Ela lembrou que quando tinha a idade das filhas se vestia como criança, com lacinho, sapatinho de boneca, babados e fitas. "Hoje é capaz até delas brigarem comigo se eu vesti-las dessa maneira", previu.

A filha mais nova de Tânia, Paula Nogueira de Loyola, disse que não gosta de roupas com babadinhos. "Isso é coisa de criança e eu já estou ficando mocinha", disparou. Ela contou que usa batom, blush e creme hidratante e gosta de se vestir com roupas de adultos.

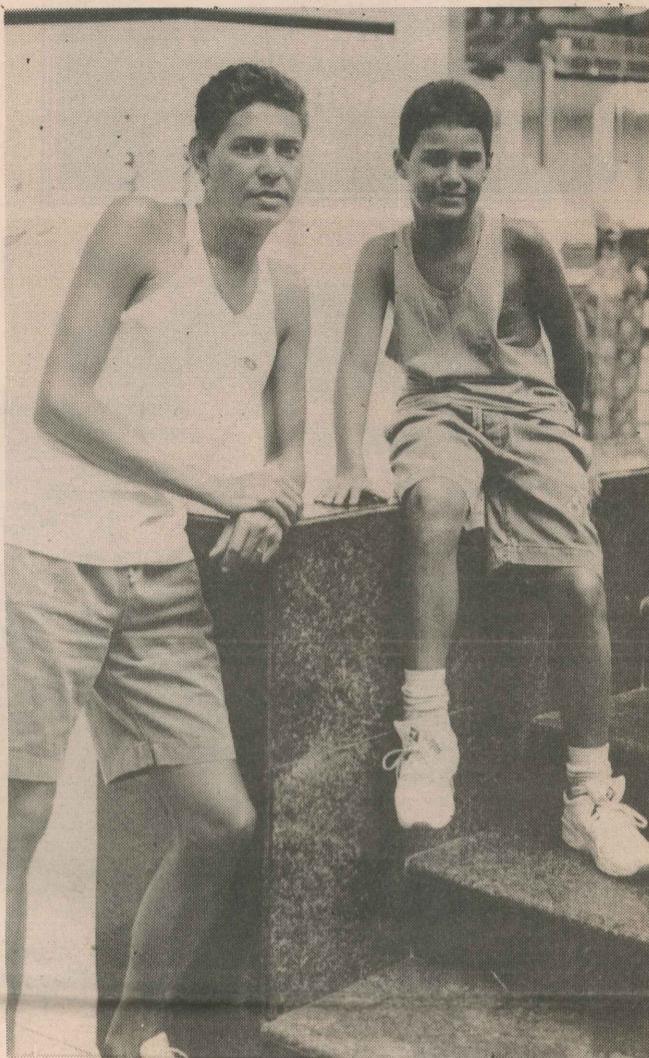
A outra filha de Tânia, Rafaela, relatou que desde os cinco anos usa roupas de adulto. Ela ressalta que ainda brinca de boneca, mas na hora de se vestir quer roupas como as de adultos.

Outro que percebe muitas diferenças na infância de hoje é o bancário Marcelo Tavares Alves, 34. Ele lembra que antigamente as crianças é que faziam seus brinquedos e agora eles são todos da era da informática.

O bancário constata também que as crianças estão se tornando adultas muito rapidamente e acha que por um lado isso é ruim porque elas deixam de curtir a infância. Por outro lado, entretanto, Alves considera que com isso as crianças começam desde cedo a tomar conhecimento dos problemas enfrentados pelos adultos.

Alves salientou que os meninos, por exemplo, sabem muito mais sobre sexo do que ele em sua infância. "As crianças de hoje são mini-adultos", analisou. O filho do bancário, Marcelo Tavares Alves Júnior, 10, afirma que já está na pré-adolescência.

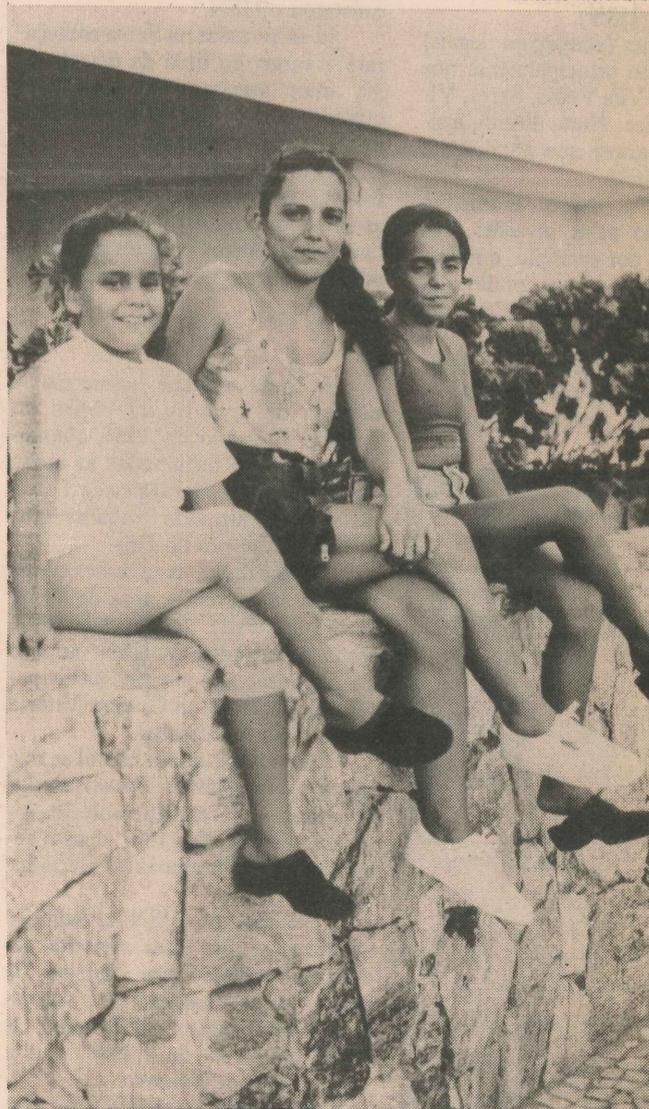
Ele diz que desde os oito anos deixou de usar roupas de criança e que adora azarar as gatinhas. "Não sou mais criança", sentenciou.



Antonio Moreira/AT

Marcelo vê diferenças entre a sua infância e a do filho

Antonio Moreira/AT



Tânia, com as filhas: infância de hoje é muito diferente

Personagens



Dayana Viana Rangel, 11 anos: "Eu gosto de usar roupa de adulto. Fico vestida como adulta e gosto disso. As crianças estão ficando com jeito de gente grande rápido e, para mim, isso é bom. Eu gosto muito de batom também. Desde os sete anos parei de usar roupas de criança. Acho que não sou mais criança".



Marcelo Vieira de Mello, seis anos: "Eu gosto de roupa igual à de gente grande. Quando vou à loja é a minha mãe quem escolhe as roupas, mas eu gosto que sejam iguais às que o meu pai usa. Eu gosto de me vestir igual ao meu pai porque quero ser igual a gente grande. Eu não gosto de roupa de criança".

Crise provoca amadurecimento precoce

As mudanças sociais e a crise econômica são apontadas por alguns psicólogos como as principais causas do amadurecimento precoce das crianças. Segundo eles, as crianças são chamadas à responsabilidade muito cedo, querem seguir o modelo dos pais e por isso não podem curtir a infância devidamente.

A psicóloga Glícia Nazaré Ferreira Furtado analisa que os pais não têm condições de proporcionar aos filhos pequenos uma infância adequada por falta de tempo. Ela observa que as crianças ficam mais trancadas em casa e por isso tendem a repetir o comportamento dos adultos.

"As crianças passam a se vestir como os pais, seguem o modelo dos pais", analisou a psicóloga. Ela disse também que os pais procuram comprar roupas mais práticas e na hora do lazer vão a um local onde toda a família possa se divertir, ao invés de procurar locais apropriados para crianças.

"Com isso elas vão sendo, de certa forma, obrigadas a amadurecer mais cedo e se tornam pequenos adultos. A consequência é que o desenvolvimento emocional da criança fica comprometido", opinou a Glícia Furtado.

O psicólogo Gilmar Viana Sales disse que em função da crise social a criança é chamada à responsabilidade muito cedo.

Ele citou como exemplo as crianças que têm que cuidar do irmão mais novo ou parar de estudar para trabalhar.

A televisão foi apontada pelo psicólogo como um fator de grande influência nessa situação, principalmente no que diz respeito à sexualidade precoce. "A TV divulga demais a sensualidade. As meninas, por exemplo, ficam tentando ser mulher muito cedo", analisou.

Sales acha que o amadurecimento precoce das crianças tem um lado positivo e outro negativo. Como fator positivo, ele citou que as crianças estão sendo preparadas para enfrentar o mundo e "vão ficando mais 'sabidinhas' e atentas".

No lado negativo, a situação faz com que elas tenham que tomar atitudes de adultos sem que estejam preparadas para tanto. "É como se uma fruta fosse

amadurecida à força. O gosto não é o mesmo. Essa situação dá origem a um adulto frustrado", sentenciou o psicólogo.

Na opinião do diretor científico do Instituto Gestalt do Espírito Santo, Antônio Elmo de Oliveira Martins, o sistema capitalista faz com que as crianças queiram logo chegar ao mundo dos adultos para poder usufruir dos benefícios do consumismo.

"Isso acontece inconscientemente e há um chamamento ao mercado de trabalho, à produção e, como consequência, à vida adulta", explicou.

O psicólogo ilustrou a situação dizendo que um menino de 13 ou 14 anos não está mais preocupado em fazer uma pipa e sim em participar dos negócios dos pais. "Isso é ruim e vai produzir adultos frágeis, sem vivência. As pessoas precisam viver cada fase distintamente".



ÁGUA MINERAL NATURAL

INGÁ[®]

ÁGUA PURA DA MONTANHA

GARRAFÃO 20 L
INF. 227.7777

REGIÃO VIVE REVOLUÇÃO

Cyró Denaday/AT

Invasores profissionais ganham espaço

Os benefícios conseguidos do poder público pelos moradores de muitos bairros que surgiram a partir de invasões fizeram com que aparecessem também os "invasores profissionais". São pessoas que ganham a vida liderando as invasões.

De acordo com estudos do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), o mercado imobiliário seleciona os melhores pedaços de terra (aqueles que não possuem declividade, por exemplo), que representam cerca de 40% do total de área livre da Grande Vitória. O restante, acaba sendo propício para as invasões.

Mas, embora essas terras não sejam valorizadas no início, com a chegada de moradores e consequentemente com a implantação de infra-estrutura, elas acabam, dentro de alguns anos tendo uma boa valorização no mercado. E é pensando nisso que os invasores profissionais se baseiam.

"Com certeza, algumas invasões são planejadas, mas a gente não pode generalizar", frisou a membro do Grupo de Estudo sobre o Processo de Ocupações Irregulares do IJSN, Nildete Virgínia Ferreira.

Segundo o grupo, em algumas invasões as pessoas só podem participar se derem uma "cota de participação" aos que dirigem o movimento.

Já em outras regiões as invasões ocorreram com a autorização dos próprios prefeitos dos municípios, em busca de alguns votos a mais — daqueles que estão invadindo e daqueles que virão em seguida — e das obras que, futuramente, os políticos poderão patrocinar.

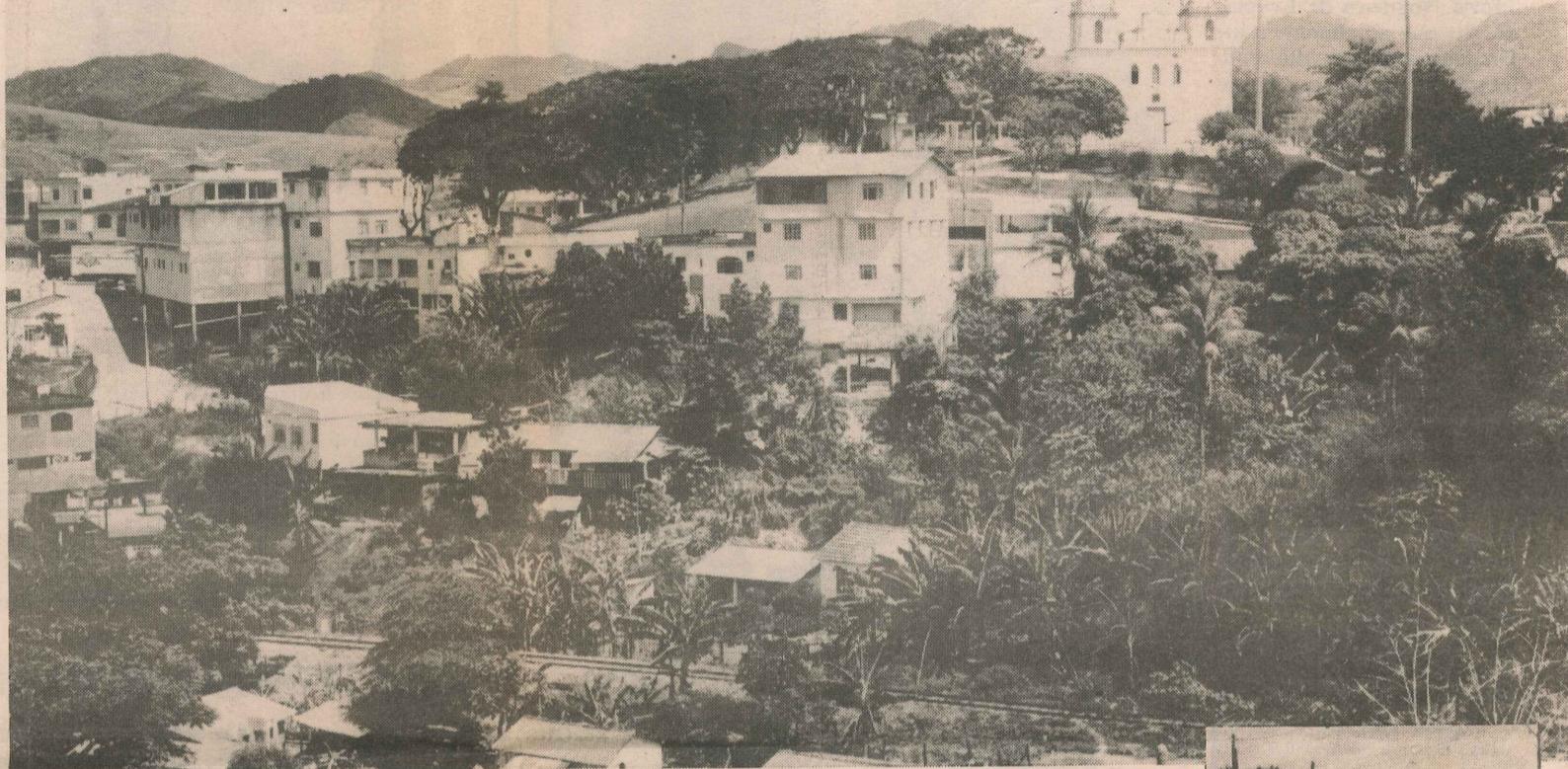
Quando são feitos os loteamentos há necessidade de que as áreas de ruas e praças sejam doadas à prefeitura, sendo registradas como patrimônio público.

Sabendo disso, alguns prefeitos autorizam as pessoas a ocuparem aquela área e os fiscais já são avisados para ignorarem o fato.

"Há pouco tempo houve um loteamento que foi invadido na Serra. Os moradores afirmam que a invasão foi determinada por um político, que os autorizou a tomarem posse daquela terra. Mas eles não mostram nenhum documento à prefeitura", afirmou o diretor do Departamento de Cadastro Técnico da Prefeitura da Serra, Edson Guimarães.

Em Viana, a única invasão que houve também foi incentivada por políticos. "A região de 2,2 mil lotes foi ocupada há oito anos.

Todos os dias surgem novos bairros na região. Com isto, os limites habitacionais dos municípios se ampliam cada vez mais



Viana é o único município da Grande Vitória que não enfrenta o problema de invasões

Ana Cláudia Vianna

A busca por um emprego e melhores condições de vida atrai, constantemente, mais pessoas para a Grande Vitória, causando uma verdadeira "revolução" habitacional na região. Novos bairros surgem a cada dia, fazendo com que os limites habitacionais fiquem cada vez mais distantes de Vitória.

Quatro dos cinco municípios da Grande Vitória estão tendo suas áreas urbanas cada vez mais dilatadas, conforme constatou uma pes-

quisa feita pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN).

As invasões (ocupações ilegais) estão ocorrendo principalmente nos municípios de Vila Velha, Serra, Vitória e Cariacica. Neste último, a situação é tão grave que atualmente possui 178 bairros.

Vitória foi outro município muito alterado pelas invasões. Na década de 40, por exemplo, o município incluía apenas o centro da cidade e parte de Maruípe e Praia do Canto.

Atualmente, cerca de 85% da região do município são invasões. As áreas invadidas pertencem, princi-

palmente à Marinha, conforme constatou o IJSN.

Já as invasões na Serra começaram a surgir no final da década de 70, mais precisamente em 1977, quando apareceram os bairros Cantinho do Céu e Sossego.

O único município que não enfrenta esse problema é Viana, já que as áreas disponíveis são muito distantes dos centros urbanos de médio porte e por isso não atraem os invasores.

OBRAS

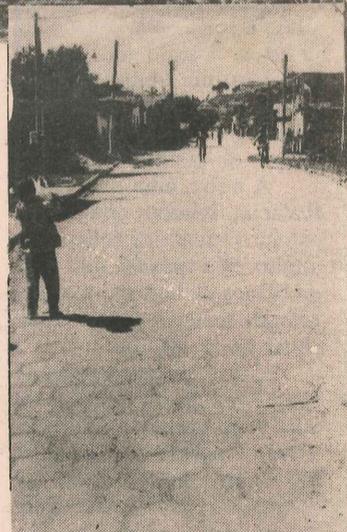
A época em que houve maior número de invasões na região da Grande Vitória foi em 1981, quando estavam sendo terminadas as obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), atraindo trabalhadores de diversas partes do País.

Depois disso, as invasões continuaram acontecendo, mas de forma menos acelerada. A partir de 1977, conforme estudos do IJSN, através de pesquisas em jornais, participaram de invasões na Grande Vitória cerca de 53 mil pessoas.

Deste total, quase 26 mil se instalaram em Vitória. Essas pessoas invadiram 42 áreas diferentes e, somente entre 1980 e 1981, foram registradas pela imprensa 18 novas invasões.

Técnicos do IJSN acreditam, no entanto, que esses números sejam, na verdade, bem maiores. De acordo com o assessor de Planejamento do Instituto, André Abe, as áreas próximas do centro é que atraem mais os invasores.

"Para eles, não interessa o município e sim a localização mais próxima da área urbana", explicou. "E



O bairro Sossego, na Serra, é um dos que surgiram devido a invasões

normalmente eles escolhem locais fora das cidades porque a fiscalização é menor e, portanto, têm a ação facilitada", acrescentou.

O IJSN já começou a fazer um estudo mais aprofundado sobre o surgimento de novos bairros na região da Grande Vitória. Mas, segundo os dados já existentes, os menores "bairros" começam com cerca de 80 famílias. Já os maiores chegam a abrigar, inicialmente, até mesmo duas mil famílias.

Esses novos moradores, de acordo com pesquisas da Prefeitura de Vitória, normalmente vêm de Minas Gerais, das proximidades da estrada de ferro Vitória-Minas.

Logo em seguida, aparecem os moradores do interior do Estado que, insatisfeitos com as condições rurais, tentam a sorte na área urbana. O Norte do Rio de Janeiro e Sul da Bahia também contribuem com uma parcela significativa.

Localidades que começaram como invasões (*)

Vitória

Inhanguetá, Estrelinha, Grande Vitória, São Pedro, Ilha das Caieiras, Santo André, Santos Reis, São José, Redenção, Nova Palestina II, Resistência, Comdusa, Contorno, Joana D'Arc, Maria Ortiz, Bela Vista, Bananal, Goiabeiras, Jardim Camburi, Monte Belo, Andorinhas, Caratoira, Romão, morro São José, Lameirão, Jesus de Nazareth

Vila Velha

Ilha dos Aires, Salaminho, Santa Rita, Primeiro de Maio, Dom João Batista, Canal de Guaranhuns, Vale do Amanhecer, Ulisses Guimarães, Dona Normília, Ilha da Jussara, Banheirinhos, Rio Marinho, Niterói, Cobi, Antigo Matadouro (Dom Jorge Menezes), Cristo Rei, Sítio Batalha, Boa Vista, Itapoá, Aribiri, Morro do Cruzeiro

Serra

Vila Nova de Colares, Sossego, Jardim Tropical, Planalto Serrano, Bairro Maria da Penha, Jardim Carapina, Vista da Serra, Carapina I

Cariacica

Padre Gabriel, Nova Rosa da Penha, Porto de Santana, Cruzeiro do Sul, Nova Brasília, Planeta, Dom Bosco, Bela Aurora

Viana

Jardim Vila Bethânia

(*) O estudo ainda não está terminado, por isso o número de bairros que começaram como invasão é maior

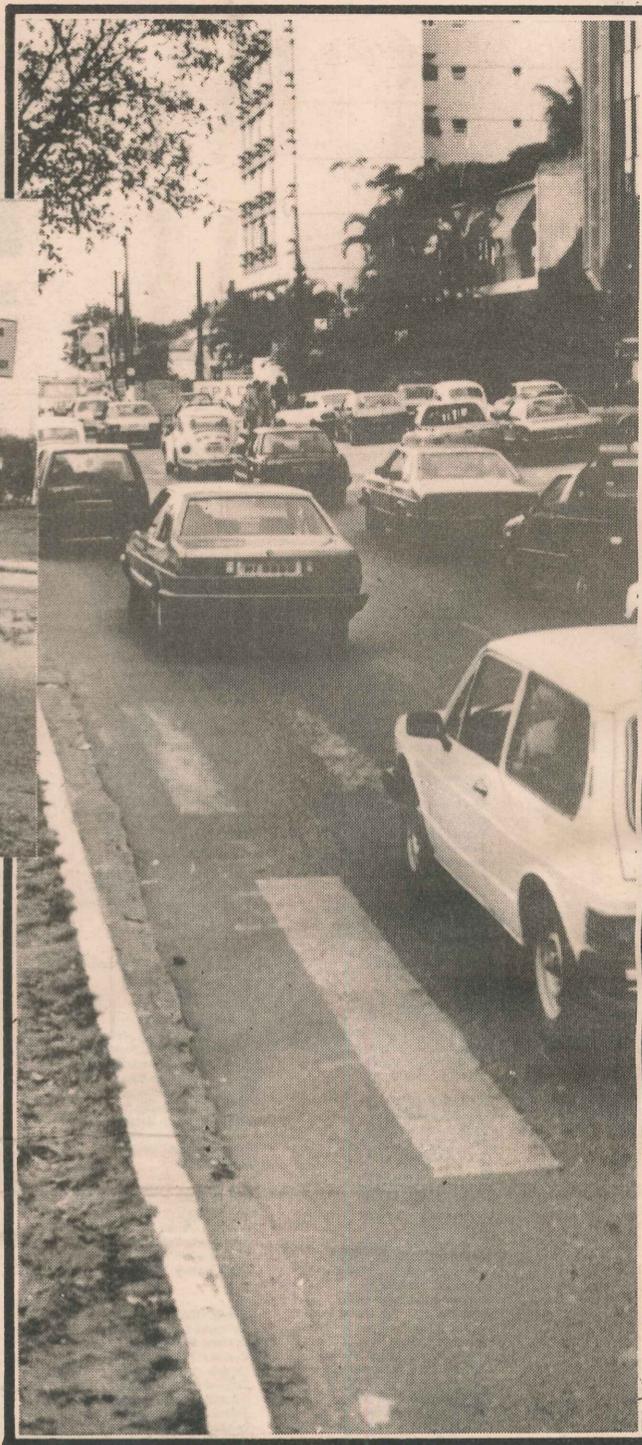
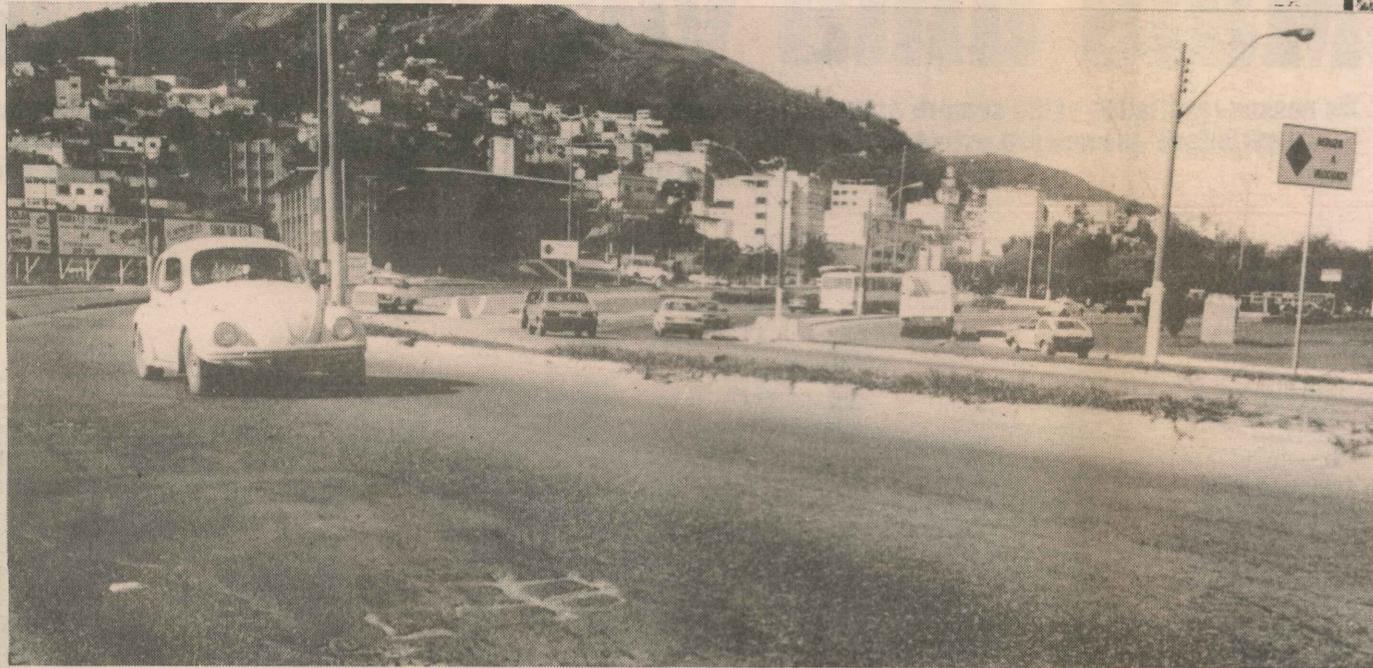
Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves, prefeituras e moradores dos municípios

AJ06910-3

Antonio Moreira/AT

HABITACIONAL

Cyro Denaday - 18/02/93



A rua Saturnino de Brito foi projetada para abrigar a classe média. O mesmo foi pensado para a Ilha do Príncipe

Maioria dos bairros surge com invasão

Grande parte dos bairros da Grande Vitória começou a surgir através de loteamento ou de invasões. Via de regra, a infra-estrutura era mínima, quando existente, ou seja, nada disso se comparava aos projetos que foram traçados pelas prefeituras para esses locais.

Em Vitória, por exemplo, a região da Grande São Pedro, que começou como um grande depósito de lixo, o chamado lixão, tinha como planejamento inicial se tornar uma área com chácaras, voltadas para as classes médias e altas.

A Prefeitura de Vitória, devido à localização da região, tinha pensado em fazer loteamentos de dois mil metros quadrados, mas a lei impediu que isso ocorresse, já que o mangue era área de preservação e havia ainda um declive muito grande.

Com esse projeto arquivado, os

pescadores da Ilha das Caieiras começaram a fazer um lixão na região, no início da década de 70. "E onde há lixo, tem moradores que precisam daquilo para sobreviver", explicou o assessor de Planejamento do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), André Abe.

ESTRUTURA

Depois que a ocupação foi consolidada, deu-se início a uma verdadeira corrida atrás de infra-estrutura. "Como a prefeitura começou a atender as reivindicações, outros invasores decidiram ocupar as áreas próximas para ver se conseguiam a mesma coisa", observou André.

"E todo o barulho que os invasores fazem é justamente para poderem levar as reivindicações à administração. Hoje, São Pedro I já é um bairro consolidado", afirmou.

Outro local que estava sendo cogitado para abrigar a classe média era a Ilha do Príncipe. No início do século, foi construída a rua Saturnino de Brito, na Praia do Canto, passo inicial para o planejamento do bairro.

A prefeitura tinha a idéia de fazer o mesmo em relação à Ilha do Príncipe, mas os invasores chegaram antes e o bairro cresceu desordenadamente.

"Cheguei aqui logo no início e a situação era bem pior do que hoje. O governo nem olhava para a gente. Hoje, já temos uma infra-estrutura razoável, com transporte, água e luz. Em breve, não estaremos mais num bairro somente de pobres", disse a moradora de São Pedro II Maria de Lourdes Souza.

"Tem muita gente chique que está morando aqui agora. Isso é bom porque aí a prefeitura olha para a gente", acrescentou.

Gasto extra complica prefeituras

Gastos extras que não estão previstos no orçamento. Esse é o principal problema que as administrações municipais enfrentam com as invasões, já que os moradores dessas regiões não estão "contabilizados" na previsão de gastos.

Na Serra, por exemplo, apesar da administração municipal querer regularizar a situação das invasões, ela ainda enfrenta os pontos negativos das ocupações irregulares.

"São muitos os problemas causados, pois a prefeitura não tem como prever quando elas vão acontecer", explicou o diretor de Cadastramento Técnico Municipal, Édson Guimarães.

"Quando as invasões surgem a gente acaba não podendo resol-

ver os anseios da comunidade de imediato", lamentou. "Mas todo problema tem solução e ela tem que partir do município. E, dependendo da grandeza da ocupação, até mesmo do governo estadual."

A prefeitura de Vitória, além de enfrentar o mesmo problema em relação às áreas que são ocupadas ilegalmente, tem um outro problema.

Devido à lei federal 6.766/79, junto com a regulamentação dada pelo Plano Diretor Urbano (PDU) ela só pode fazer benfeitorias, sem autorização da União até a cota 50 (50 metros acima do nível do mar).

"A gente sabe que as comunidades que ocupam os morros, principalmente nas partes mais al-

tas, têm dificuldade de conseguir água, luz, telefone, transporte e gás. Mas a prefeitura fica impedida de agir sem autorização da União", disse o secretário interino de Planejamento do município, Paschoal Passamae Filho.

Em Vila Velha a situação relacionada ao orçamento é problemática, mas lá as invasões trouxeram algum benefício, segundo o prefeito Vasco Alves.

"Hoje, as ocupações ilegais no município estão na região da Barra do Jucu, onde surgiram crateras imensas devido à retirada de areia. Com as invasões e os aterros, os moradores estão recuperando essas áreas. E isso é um fenômeno curioso, já que desse lado elas trazem benefícios", ressaltou o prefeito.

União de municípios ajuda a resolver os problemas

A criação da região metropolitana da Grande Vitória deverá auxiliar os prefeitos a resolverem os problemas relacionados à habitação dos cinco municípios (Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra e Viana). Essa é a expectativa dos técnicos do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) em relação ao assunto nos próximos anos.

A integrante do Grupo de Estudo sobre o Processo de Ocupações Irregulares do IJSN, Nildete Virgínia Ferreira, acredita que os problemas habitacionais, como as demais questões vividas pelos cinco municípios que formam a Grande Vitória, serão resolvidos em conjunto.

"Se houver um Plano Diretor Urbano (PDU) para a região a habitação vai ser pensada como uma questão metropolitana",

diz. A mesma opinião tem o diretor do Departamento de Cadastro Técnico Municipal da Serra, Édson Guimarães.

"A criação da região metropolitana vai permitir uma conjugação de esforços. Havendo um cadastro de toda a população será fácil saber quais são os invasores que estão migrando."

O assessor técnico da prefeitura de Viana, Ari Nogueira, acredita que com a região metropolitana, o município poderá obter mais vantagens do governo estadual.

O prefeito de Vitória, Paulo Hartung, acredita que este seja o momento propício para a elaboração de um projeto visando a criação da região metropolitana. O prefeito de Cariacica, Aloísio Santos, viajou e não foi localizado para falar sobre o assunto.